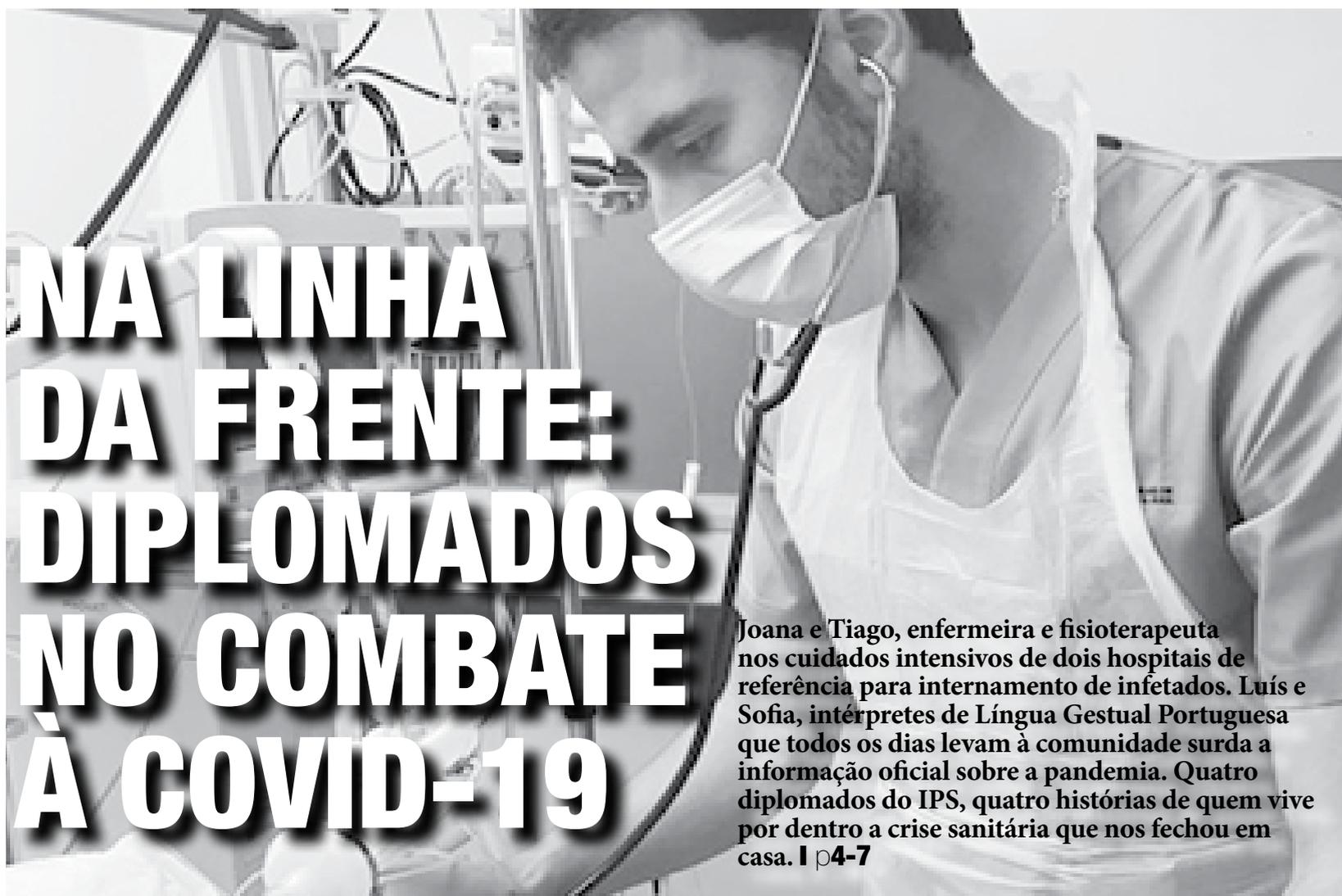


MOVETE

POLITÉCNICO SETÚBAL

Jornal do Politécnico de Setúbal | Ano 2020 | março/abril | Propriedade: Instituto Politécnico de Setúbal



NA LINHA DA FRENTE: DIPLOMADOS NO COMBATE À COVID-19

Joana e Tiago, enfermeira e fisioterapeuta nos cuidados intensivos de dois hospitais de referência para internamento de infetados. Luís e Sofia, intérpretes de Língua Gestual Portuguesa que todos os dias levam à comunidade surda a informação oficial sobre a pandemia. Quatro diplomados do IPS, quatro histórias de quem vive por dentro a crise sanitária que nos fechou em casa. | p4-7

IPS À DISTÂNCIA

Os desafios de trabalhar e estudar em casa explicados pelos seus protagonistas

| p8-9

IPS NA COMUNIDADE

Produção de álcool gel e viseiras chega a perto de 300 entidades | p10-11

MEDIDAS DE APOIO À COMUNIDADE ACADÉMICA

Já estão no terreno os programas Praticamente Juntos e Unidos@IPS, para trabalhadores e estudantes

| p12

ENSINO SUPERIOR PÚBLICO

POLITÉCNICO DE SETÚBAL

Avança para
o próximo nível



MESTRADOS

ENGENHARIA E TECNOLOGIA
CIÊNCIAS EMPRESARIAIS
ENSINO E EDUCAÇÃO
SAÚDE

ou segue um caminho diferente
com uma das nossas pós-graduações

CANDIDATURAS
ABERTAS



www.ips.pt · estudar@ips.pt



PEDRO DOMINGUINHOS

Também há heróis no sistema educativo!

Passaram-se quase dois meses desde que foram implementadas as primeiras decisões mais restritivas relacionadas com a pandemia provocada pela COVID-19. De um momento para o outro, fomos confrontados com uma exigência que não imaginávamos poder ocorrer numa democracia: confinamento doméstico.

Os nossos *campi* ficaram despojados do seu sentido: os estudantes e as interações que se estabelecem com os professores, assentes na observação, na escuta, no diálogo, e que constituem a essência do processo de ensino-aprendizagem. Entranhou-se um silêncio triste, sem sentido, onde até as paredes parecem querer gritar, tal a revolta que sentem por não ouvirem o barulho dos estudantes.

No espaço de uma semana adotámos o regime de teletrabalho para a generalidade dos trabalhadores não docentes, redesenhámos processos organizacionais, reforçámos as infraestruturas tecnológicas e as formas de interação com os diferentes públicos. Ao mesmo tempo, desenvolvemos um guia de formação à distância para todos os trabalhadores, disponibilização de recursos culturais, bem como um programa de bem-estar físico e mental.

Em menos de quinze dias, as aulas preparadas para serem lecionadas em regime presencial foram reorientadas para ambientes *online*, com as necessárias adaptações das atividades a desenvolver, das metodologias pedagógicas a utilizar e dos sistemas de avaliação a aplicar. Este processo alicerçou-se na publicação de um conjunto de linhas orientadoras para enquadrar estes novos tempos, num programa de formação pedagógica e na monitorização permanente, com o envolvimento dos vários atores neste processo.

Desde o primeiro dia a preocupação com a equidade no acesso ao ensino a distância por parte dos estudantes foi uma prioridade absoluta, a par da sua garantia de segurança. Em estreita articulação com as autoridades nacionais, garantimos o regresso a Portugal dos estudantes em mobilidade, disponibilizámos uma refeição gratuita aos 100 estudantes alojados na residência, providenciámos mais de 80 computadores, ao mesmo tempo que a AAIPS garantiu *hotspots* aos estudantes sem Internet. Como forma de antecipação, criámos o programa UNIDOS@IPS para apoiar os estudantes afetados pela pandemia.

Porque possuímos um compromisso indelével com a região, e em estreita articulação com vários parceiros, disponibilizámos viseiras e álcool gel às unidades de saúde, misericórdias, IPSS, bombeiros, estabelecimentos prisionais, entre outras.

Este período extraordinário em que, apesar de todas as restrições, o direito à educação foi sempre garantido, só é possível porque existem verdadeiros heróis no sistema educativo: professores, estudantes e trabalhadores não docentes. O nosso OBRIGADO!!!

Presidente do IPS



O IPS e a COVID-19

MARÇO



dia2

Novo coronavírus atinge Portugal.

Primeiros dois casos de COVID-19 são anunciados.

dia3

Governo dá cinco dias às instituições públicas para elaborarem planos de contingência.

dia6

Semana adiada

A poucos dias do previsto, a edição da linha com publicação governamental a contem novo Cor

dia9

Plano de Contingência COVID-19 entra em marcha

O documento, que reúne as linhas orientadoras da atuação do IPS perante o registo de casos positivos e/ou suspeitos de COVID-19 nas suas instalações, é enviado às autoridades competentes e divulgado junto da comunidade académica, tendo em vista uma gestão adequada das atividades e implicações sociais associadas ao que então se considerava ainda "uma possível epidemia".

dia10

Ensino clínico suspenso

O IPS mantém ainda a exceção da aprendizagem clínica. Passam a ser abordagens pedagógicas presenciais em sala de aula aos meios digitais. São as deslocações previstas e/regiones já na fase de comunitária ativa do bem como os eventos calendarizados. O atendimento presencial à comunidade académica é igualmente suspenso em vários s

dia11

Organização Mundial de Saúde

declara **pandemia**. Número de infeções em Portugal passa para 59.



dia

Govern enc de to

Cronologia de uma pandemia



da Empregabilidade

s dias do arranque
a 9 de março, a 6.^a
a Semana da
bilidade é adiada, em
n as recomendações
as em despacho
mental tendo em vista
ção da infeção pelo
onovírus (COVID-19).

enso
a sua atividade letiva,
zagem em contexto
privilegiadas as
icas alternativas à
aula, com recurso
o canceladas todas
stas para países
e transmissão
COVID-19,
s
ndimento
ade
nte
serviços.



a12
erno anuncia
erramento de escolas
odos os graus de ensino

dia16

Primeira morte por COVID-19 em Portugal. Número de infetados sobe para 331.

Teletrabalho e preparação do ensino a distância

O teletrabalho é generalizado a todos os serviços e funções onde tal é possível e o início do ensino a distância é agendado para 26 de março. É criado um grupo de trabalho para acompanhar o processo, dos pontos de vista técnico e pedagógico, de modo a garantir que nenhum estudante seja prejudicado no seu percurso académico.

dia18 Presidente da República decreta **estado de emergência**. Número de infetados sobe para 642 e regista-se uma segunda morte.

dia23

Produção de álcool gel e viseiras avança

Os laboratórios da ESTBarreiro produzem os primeiros 50 litros de álcool gel, em parceria com o município local, e o Innovation Lab, da ESTSetúbal, prepara-se para iniciar a produção de viseiras de proteção, com recurso a impressoras 3D. Ambas as ações, assentes no voluntariado de docentes e não docentes, pretendem contribuir para suprir algumas das principais carências sentidas pelos serviços de saúde e forças de segurança na resposta à COVID-19.



dia25

Pagamento de propinas adiado

São lançadas várias medidas para garantir igualdade de acesso ao ensino a distância. Além do alargamento, até setembro de 2020, do período de pagamento das propinas, sem pagamento de juros de mora, é anunciada a criação de um banco de computadores, nomeadamente através da campanha "Empresta ao teu colega", e do fundo social estuDAR.



dia26

Primeiro dia de aulas em casa

Arrancam oficialmente as atividades letivas a distância, abrangendo um universo de sete mil estudantes. Fazendo uso do parque informático de apoio aos estudantes, que neste período se encontra sem utilização, o IPS disponibiliza para empréstimo cerca de uma centena de computadores.

ABRIL

dia2

Viseiras IPS chegam às primeiras entidades

Mais de 300 viseiras de proteção entregues a mais de uma dezena de unidades de saúde e de socorro. Entretanto, a produção é reforçada com um novo processo (fresadora CNC), estimando-se chegar às 5 000 unidades

dia7

Álcool gel: Casa Ermelinda de Freitas junta-se ao IPS

Tem início um projeto de produção conjunta com a Casa Ermelinda Freitas de 6 000 litros de álcool gel, com distribuição prevista por hospitais e IPSS do distrito de Setúbal, agentes de proteção civil e estabelecimentos prisionais.



dia16

País continua em **estado de emergência** até **02 de maio**.

As vítimas mortais sobem para 629, registando-se 18 841 casos confirmados de infeção.

NA LINHA DA FRENTE: DIPLOMADOS NO COMBATE À COVID-19

OS MENSAGEIROS DA COMUNIDADE

Luís Oriola e Sofia Figueiredo, intérpretes de Língua Gestual Portuguesa

Passaram a ser presença diária nos ecrãs televisivos, dividindo o mesmo plano com a diretora-geral e a ministra da Saúde, nas conferências de imprensa sobre a COVID-19. Graças a estes dois intérpretes de Língua Gestual Portuguesa (LGP) licenciados pela ESE/IPS, pioneira nesta área há 22 anos, a comunidade surda pode ter acesso, em tempo real, à informação crucial que chega aos ouvintes sem obstáculos. Em plena crise sanitária, o que mudou foi o contexto, não o espírito de missão, confessam Luís e Sofia, que dão conta de um longo caminho ainda a percorrer para garantir a plena cidadania das pessoas surdas em matéria de acesso à informação.

O vosso papel tem sido fundamental para que a comunidade surda se mantenha informada sobre a evolução da pandemia de Covid-19 no País e respetivas medidas a observar para conter o contágio. Como reagem a esta responsabilidade e como tem ela alterado as vossas vidas?

Luís Oriola (LO): Apesar das circunstâncias que nos preocupam a todos, o trabalho propriamente dito tenho encarado com a naturalidade normal de quem tem como atividade profissional assegurar interpretação para LGP entre pessoas surdas e pessoas ouvintes em múltiplos contextos.

Sofia Figueiredo (SF): Assumimos esta responsabilidade com o espírito de missão e o profissionalismo habituais. Assegurar o acesso a informação em LGP é uma das funções que já exercíamos anteriormente, ainda que fora do atual contexto trágico desta pandemia. Porventura poderá parecer que a informação sobre a COVID-19, e as suas implicações não apenas sanitárias, se encontra totalmente acessível em LGP. Contudo e infelizmente, apenas têm sido interpretadas, desde 12 de março, as conferências de imprensa diárias da Saúde, uma ou outra das áreas da Economia e das Finanças, e as do Conselho de Ministros, que já assegurávamos desde 2019. É preocupante que as pessoas surdas continuem sem total acesso informativo, também sobre a situação pandémica, quer por inexistência de LGP, quer de legendagem em Português.



UNIDADE SURDA EM TEMPOS DE PANDEMIA

LGP ao serviço do Estado

Qual tem sido o retorno da comunidade surda àqueles que com ela comunicam, em direto, todos os dias?

LO: O retorno é positivo, especialmente porque ainda há muito pouca informação acessível aos surdos, o que faz com que, sempre que haja, seja algo facilmente observado.

SF: O retorno sobre o nosso trabalho tem sido constante e positivo, as pessoas surdas têm acompanhado e comentado a informação diária que tem sido disponibilizada de forma acessível, nomeadamente quando a interpretação de LGP surge em maior escala. No entanto, as pessoas surdas têm referido que a acessibilidade ainda é pouca ou mesmo inexistente, designadamente em momentos de comunicações ao país por parte da Presidência da República, em que ora surge uma pequena janela de interpretação de LGP, ou esta não existe de todo. E no caso das comunicações relativas à Proteção Civil, que não são acessíveis por LGP.

Atrás das câmaras, há muito trabalho de casa a fazer, nomeadamente no que toca a termos técnicos que não fazem parte do léxico do cidadão comum? Como preparam o acompanhamento das conferências de imprensa?

LO: Nós, como qualquer outro intérprete de LGP, devemos fazer essa preparação prévia, por via dos materiais e/ou discursos que possam ser disponibilizados, procurando apoio no seio da comunidade surda, que nos dá o suporte para estabilizar novos gestos para novos significados que vão surgindo.

SF: Como em qualquer língua surgem sempre novos vocábulos e diferentes formas e técnicas de interpretação. Temos de estar sempre atualizados quanto aos termos técnicos e aos temas que vão surgindo, procurando informação em vários locais, e percebendo junto da comunidade surda quais as melhores escolhas linguísticas em cada momento.

Há aqui um novo paradigma que foi inaugurado. Da habitual presença discreta, através de um quadradinho

no ecrã, o intérprete de LGP passou a ocupar o mesmo plano dos protagonistas. O que é que isto significa para os profissionais da área e para a comunidade surda?

LO: Para mim, pessoalmente, significa o mesmo, mas para os surdos significa muito, porque apesar da Entidade Reguladora para a Comunicação fazer constar na Deliberação ERC/2016/260 (OUT-TV), de 30 de novembro de 2016, que a janela de interpretação deve respeitar 1/6 da dimensão do ecrã, os operadores de TV nunca cumprem, dificultando imenso o acesso visual ao que está a ser traduzido, bem como privilegiar a interpretação no local, sempre que esteja disponível, ampliando a escala e assim facilitando o acesso visual.

SF: Particularmente num tempo como o vivido no atual contexto, é preciso salvaguardar que todos tenham acesso à informação de forma rápida e equitativa, nomeadamente quem não tem Internet e nem forma de ter acesso ao intérprete de LGP em maior escala. E que pessoas surdas que estejam em estabelecimento prisional, numa casa de acolhimento, em casa abrigo, ou noutras situações, possam ter acesso a informação acessível no canal de televisão que lhes esteja a ser possível aceder no momento. Também que a informação fique desde logo com LGP incorporada para que sempre que volte a ser divulgada se encontre já acessível. Seria importante que um novo paradigma fosse inaugurado nos hospitais e nos centros de saúde, com a disponibilização de intérpretes de LGP, e em tantas outras áreas, como nos estabelecimentos prisionais no acesso das pessoas surdas, reclusas e detidas, ao contacto por videochamada com as suas famílias, à semelhança da possibilidade de chamadas telefónicas diárias por parte de pessoas ouvintes.

Como se desenvolveu o vosso percurso profissional, uma vez terminada a licenciatura no IPS?

LO: Já fazia trabalhos de interpretação enquanto completava o curso, mas, para além das aprendizagens, o

diploma possibilitou aceder a novas oportunidades de trabalho, nomeadamente nas áreas judicial, televisiva, artística, associativa, ensino superior e na entrada para a administração pública.

SF: Comecei este percurso profissional ainda durante a licenciatura na ESE/IPS. Fui-me desenvolvendo na área estando em contacto permanente com a comunidade surda e tendo formações na área. Fui desempenhando funções de interpretação de LGP em diversos contextos, como o escolar e formativo, associativo, judicial, saúde, televisivo, artístico, entre outros, e presentemente, estando na administração pública enquanto técnica superior no Instituto Nacional para a Reabilitação, com

funções também de interpretação de LGP.

O que destacariam na vossa formação superior, em termos técnicos e humanos?

LO: Destacaria a interação com os professores, possibilitando novas aprendizagens, técnicas e formas de preparação para melhor prestarmos o nosso trabalho.

SF: É decisivo apreender e atualizar certos conhecimentos, entender e aprofundar temas que envolvem a comunidade surda, a cultura surda, as Línguas Gestuais e as técnicas possíveis de tradução linguística, bem como a imersão na comunidade surda, contactando com pessoas surdas e desenvolvendo a LGP. ■



Foto: Francisco Matias

“FAÇO A VIDA FAMILIAR A PENSAR QUE POSSO ESTAR ASSINTOMÁTICA”

Joana Mestrinho, enfermeira na UCIMC do Hospital de Santa Maria

Joana e Tiago, enfermeira e fisioterapeuta, são dois diplomados que a Escola Superior de Saúde (ESS/IPS) formou para as exigências daquele que é o maior desafio das suas vidas profissionais.

Ambos a trabalhar em unidades de cuidados intensivos de hospitais de referência, enfrentam diariamente, sob a proteção de complexas indumentárias, os aspetos mais perversos da nova doença – da falência de órgãos à solidão do paciente que a família está impedida de visitar.

E também o medo e as saudades de abraçar os seus.

Qual tem sido o seu percurso como enfermeira e de que forma este contexto de pandemia alterou a sua rotina diária de trabalho?

Iniciei funções no serviço de Ortopedia do Centro Hospitalar Lisboa Norte – Hospital de Santa Maria (HSM), de 2009 a 2013, e desde 2013 exerço funções na Unidade de Cuidados Intensivos Médico-Cirúrgica. Foi a primeira unidade de intensivos do HSM exclusiva para pessoas em situação crítica por COVID-19. Isso traduziu-se numa alteração drástica das rotinas de trabalho, desde os circuitos do serviço às dinâmicas de trabalho em equipa e a toda uma panóplia de alterações de normas de procedimento, dadas as especificidades do vírus e o risco biológico associado, tendo sido obrigatória uma adaptação rápida por toda a equipa.

Neste contexto da linha da frente de resposta à COVID-19, qual é em concreto o papel do enfermeiro?

O papel do enfermeiro, no meu contexto, não é diferente. Visa a prestação de cuidados holísticos à pessoa em situação crítica, à qual se associa uma forte componente

técnica devido à necessidade de recorrer às ditas “máquinas” para assegurar o suporte de órgãos, sem descuidar a componente humana de conforto, de assegurar uma morte digna, e de envolver a família apesar da proibição de visitas. Procuramos que a pessoa possa falar com a família através de vídeo-chamada, quando a situação o permite.

Como tem lidado com a exposição ao risco de contágio e de que forma isso veio alterar também a sua vida pessoal?

Tem sido difícil. Sair de casa foi o primeiro impulso, mas com um bebé isso é complicado. O medo é muito, mais por poder ser um veículo de transmissão do que por poder ficar doente, faz-me estar num estado de hipervigilância e obsessiva com as limpezas. Isolei-me num quarto com casa de banho para uso exclusivo, fiz um circuito de sujos e limpos, tento manter-me o mais afastada possível, uso máscara, faço limpezas constantes, tomo banho quando termino o turno e novamente em casa...

O mais doloroso é mesmo não poder dar um beijinho ao próprio filho.

Quais são os casos mais críticos com que tem lidado e que impacto é que isso está a ter para si, como profissional e ser humano?

Todos os casos são de elevada complexidade, com falência de múltiplos órgãos, necessitando de ventilação, de suporte de função cardíaca e alguns casos de técnica de substituição renal e de oxigenação por membrana extracorporeal, sendo esses os mais críticos e que exigem o máximo de nós enquanto profissionais. Enquanto ser humano, ao ver aquilo que o vírus pode provocar, é difícil não pensar que pode acontecer a qualquer um de nós ou dos nossos. Além disso o isolamento é uma das situações que mais me custa... Falta o apoio e o estímulo da família, imprescindível na recuperação da pessoa... Afinal como se vive sem amor?

O que destacaria do seu período de formação na ESS?

Muitas foram as aprendizagens! E não se limitam ao conhecimento técnico, porque esse requer revisão e atualização constantes. Destaco o desenvolvimento de competências

no âmbito do trabalho em equipa, comunicação, gestão de prioridades, gestão de risco/crise e controlo de infeção, que nesta situação considero determinantes. Em termos humanos, a capacidade empática e a resiliência foram aprendizagens sempre importantes, e que têm sido indispensáveis neste momento que vivemos.

Enquanto profissional de saúde, o que lhe parece pertinente transmitir à restante população?

Creio existir uma sensação de que voltaremos em breve à normalidade, mas a meu ver aquilo que conhecíamos como “normalidade” terá de ser modificada face à situação que vivenciamos. Os cuidados com a higienização das mãos, a etiqueta respiratória, as recomendações em relação a como proceder quando se retorna a casa, terão de se tornar parte da rotina e não podem ser vistas como medidas provisórias. Considero que é preciso reforço do ensino à população destas medidas e nisso os enfermeiros têm um papel fundamental. Só juntos e a pensar no bem comum conseguiremos ultrapassar este momento crítico das nossas vidas. **I**



COMANDADOS NO COMBATE À COVID-19

“ADIVINHAM-SE TEMPOS DIFÍCEIS, PRECISAMOS DA AJUDA DE TODOS”

Tiago Machado, fisioterapeuta na UCIC do Hospital Egas Moniz



Qual tem sido o seu percurso como fisioterapeuta e de que forma este contexto de pandemia alterou a sua rotina diária de trabalho?

Licenciei-me em 2015 pelo IPS e iniciei o percurso profissional no Sporting Clube de Portugal na equipa médica de Futsal. Em 2018, comecei a trabalhar no Hospital Egas Moniz (HEM), onde atualmente sou fisioterapeuta na Unidade de Cuidados Intensivos Cirúrgicos (UCIC). Os primeiros casos de doentes ventilados com COVID-19 no Hospital surgiram em meados de março. Desde então, trabalho exclusivamente na UCIC, onde tenho um papel preponderante na reabilitação respiratória e física dos doentes. Os tratamentos com os doentes que seguia em ambulatório foram cancelados.

Em que fase da evolução da doença é necessária a sua intervenção e como?

Nos Cuidados Intensivos, somos um elemento imprescindível nas equipas multidisciplinares. A COVID-19, nos casos mais graves, afeta profundamente a estrutura dos pulmões, conduzindo a hipoxémia grave (diminuição de oxigénio no sangue)

com necessidade de ventilação mecânica invasiva. Pode levar ao desenvolvimento da Síndrome do Desconforto Respiratório Agudo, que muitas vezes provoca alterações irreversíveis, com perdas graves da função pulmonar. O fisioterapeuta tem um papel importante desde início, no auxílio à ventilação mecânica invasiva, no desmame ventilatório, na otimização da oxigenação, no posicionamento (colocar o doente de barriga para baixo – “prone”), e, posteriormente, na reabilitação cardiorrespiratória. Para evitar a perda progressiva da função e da autonomia associadas à ventilação prolongada, promovemos a mobilização precoce do doente.

Como tem lidado com a exposição ao risco de contágio?

No Hospital desinfeto regularmente as mãos e uso fato cirúrgico, calçado próprio e máscara. Na UCIC, para tratar um doente com suspeita ou confirmação de COVID-19, uso o equipamento de proteção individual (EPI), constituído por uma bata impermeável, máscara FFP2, óculos, botas, touca e dois pares de luvas. O processo de vestir, e principalmente

o de despir o EPI, são rigorosos e demorados, exigindo duas pessoas, devido ao risco de contágio do próprio e dos outros. Antes de sair do Hospital, tomo banho e troco de roupa, para evitar o contágio em casa. Não tenho tido contacto físico com a minha família ou amigos, cumprindo o plano de isolamento social definido pelas autoridades. É difícil e frustrante não poder estar com as pessoas de que mais gosto.

Que impacto é que esta experiência está a ter para si, como profissional e também como ser humano?

Alguns colegas estão infetados e a lutar pela vida nos Cuidados Intensivos. Vou trabalhar a pensar no risco a que estou exposto, visto que ainda não se sabe bem qual o comportamento do vírus na população jovem. Temos vários casos de doentes jovens, saudáveis, que evoluíram de forma inesperada e estão em estado crítico. Todos nós, que estamos na linha da frente, sentimos uma grande pressão e receio, mas o espírito de missão mantém-nos a lutar na esperança de conseguirmos atenuar as consequências desta pandemia.

Foi desde logo no período de formação na ESS/IPS que percebeu a vocação para trabalhar em Cuidados Intensivos?

A ESS é uma instituição de ensino de referência a nível nacional e permitiu-me um percurso académico de excelência. Aproveitei todas as oportunidades proporcionadas pela ESS, nomeadamente a realização de estágios em instituições de renome nacional e internacionais. Realizei Erasmus na Dinamarca, num hospital de referência, onde tive o primeiro contacto com doentes respiratórios críticos. Desde essa altura, adquiri o gosto pelas doenças cardiorrespiratórias e o trabalho em Cuidados Intensivos.

O que gostaria de transmitir à população que está em casa?

Não existe uma vacina, pelo que a prevenção passa por manter o isolamento social e ficar em casa. Na necessidade de sair, aconselho a utilização de uma máscara cirúrgica, a desinfecção regular das mãos e evitar o contacto com outras pessoas. Estamos a fazer um bom trabalho e superámos as expectativas, mas adivinham-se tempos difíceis e por isso, precisamos da ajuda de todos para continuar. **I**

“SOMOS PAIS, TRABALHADORES, PROFESSORES E GESTORES DOMÉSTICOS”

Cerca de 90 por cento dos trabalhadores do IPS estão em regime de teletrabalho

Cerca de 90 por cento dos trabalhadores do IPS cumprem, desde 16 de março, as suas funções a partir de casa, sendo que uma parte significativa dos restantes se encontra em formação a distância. Uma mudança da noite para o dia, literalmente, se considerarmos que uma semana antes o atendimento presencial à comunidade académica, por exemplo, era ainda possível.

Todo o processo decorreu sob a batuta dos ponteiros do relógio, como lembra Pedro Ferreira, vice-presidente do IPS com o pelouro das Infraestruturas Físicas e Tecnológicas. “O maior obstáculo foi a necessidade de resposta imediata ao cenário evolutivo apresentado. A aquisição e a preparação de equipamentos informáticos, a preparação da infraestrutura para suportar o acesso remoto ao posto de trabalho, assegurando a necessária segurança e privacidade, e a preparação de um serviço de suporte são exemplos de procedimentos desenvolvidos”.

O resultado final, apesar da planificação em condições atípicas, pode no entanto ser considerado “de excelência, o que se deve ao imediato e forte envolvimento e compromisso de todas e de todos”. O responsável destaca ainda que o grande impacto está a ser sentido sobretudo “na forma como cada um de nós trabalha” e em muito menor escala no funcionamento global da instituição, que se mantém sem grandes percalços.

Em casa, os trabalhadores que mais sentiram a diferença nas suas rotinas profissionais são os que habitualmente lidam com o público ou que beneficiam do contacto presencial com os colegas para desenvolver as suas tarefas.

Cláudia Rosado, dos Serviços de Ação Social, é testemunha dessa



Cláudia Rosado



Julieta Fernandes



Luís Alpendre



Ana Guedelha

mudança. Apesar de reconhecer a grande utilidade das novas tecnologias na comunicação e no trabalho, não deixa de se ressentir de “uma maior distância daqueles que o meu trabalho protege”. Confessando-se caseira, a assistente social sublinha a vantagem de poder desfrutar em pleno dos pequenos prazeres da vida doméstica e do tempo em família, permitindo-lhe “ser ainda mais interventiva” na educação dos dois filhos menores, mas admite que sente a falta “das atividades presenciais na Residência de Estudantes de Santiago, das tertúlias e workshops na área alimentar e do contacto com os estudantes e as famílias”. “Estes são os aspetos menos bons do teletrabalho”, além da gestão do tempo. “Transformámo-nos em pais, trabalhadores, professores, gestores domésticos e gestores de emoções”, ilustra.

Pelas características das suas funções, e também pelo temperamento extrovertido, Ana Guedelha, da Divisão Académica, dá conta de “mudanças muito significativas” na rotina de trabalho. Parte

fundamental das suas tarefas diz respeito ao contacto diário com os estudantes, cara a cara, olhos nos olhos: “A falta de relacionamento interpessoal tem sido o mais difícil de gerir. Sinto a falta da família, dos colegas, dos afetos, do toque, da comunicação”. Fora isso e o frágil equilíbrio entre vida familiar e profissional, há no entanto vantagens que não deixa de realçar, como a diminuição de despesas, com alimentação e deslocações, o aumento da produtividade e a redução do stress. “Uma vez que diminuíram significativamente as interrupções constantes, tenho mais concentração, tempo de análise e capacidade de responder com maior eficiência”, remata.

Julieta Fernandes, da Divisão dos Recursos Humanos, relata uma experiência semelhante. O que perdeu em contacto social ganhou em concentração nas tarefas. “É possível trabalhar sem interrupções, porque não há telefones a tocar, não há atendimento ao público, logo não há quebra de raciocínio, que por sua vez implica uma maior

produtividade”, diz. Mudaram o local e os métodos de trabalho, agora exclusivamente eletrónicos, mas não mudou o ritmo. E talvez, sem limites físicos, seja necessária maior disciplina para definir onde começa a “casa” e acaba o “trabalho”. “Tento manter a mesma rotina, como se saísse para trabalhar, mas não consigo cumprir o horário de saída”, exemplifica.

Já para Luís Alpendre, especialista de informática, a rotina teve, claro, que ser adaptada mas as ferramentas de quem trabalha na Divisão Informática “não foram alteradas de forma radical”. Ainda assim, admite estar “expectante que o isolamento acabe o mais cedo possível, porque nem todos os problemas se resolvem com o teletrabalho”. Como vantagem aponta o ganho de uma hora diária, o tempo das deslocações até ao campus de Setúbal, e como ponto negativo a difícil conciliação entre trabalho e família, com dois filhos menores que “há que manter ocupados, sem riscos de acidentes”. “É necessário fazer mais interrupções e ser muito criativo”, desabafa. ■

QUANDO A SALA DE AULA PASSOU A SER DENTRO DE CASA

Docentes e estudantes fazem balanço de um mês de Ensino a Distância

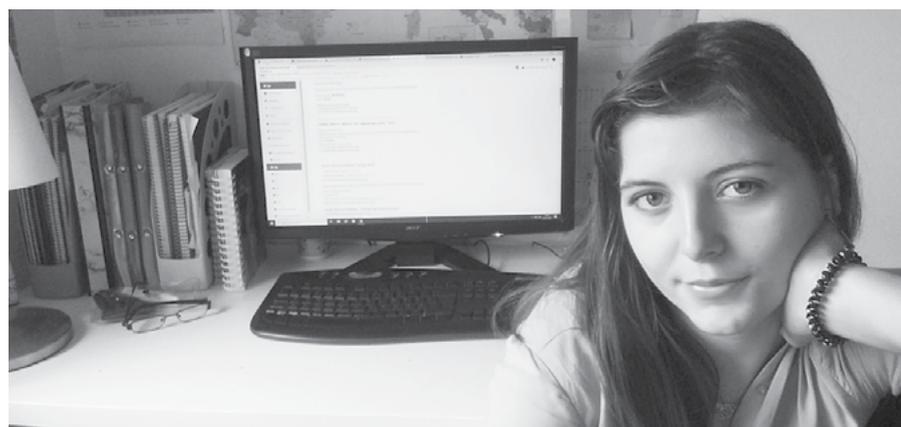
“Estes têm sido dias complexos, mas ao mesmo tempo desafiantes”, começa por admitir Rodrigo Lourenço, pró-presidente do IPS para a Promoção do Sucesso Académico e um dos docentes que coordenou o grupo de trabalho responsável pela preparação do Ensino a Distância (EaD). Volvido um mês sobre o arranque oficial das aulas a partir de casa, a 26 de março, o balanço é “muito positivo”, mas seria ingénuo pensar que tudo fluiu sem percalços. “É normal que assim seja, até porque nós não vamos passar a ser uma instituição de ensino superior à distância. Estamos apenas num processo de adaptação, que naturalmente tem um conjunto de prós e de contras”, avisa o docente, lembrando tudo o que houve que garantir até chegar à fase de implementação.

Numa primeira fase, as atenções estiveram voltadas para os serviços que o IPS presta à sua comunidade académica, depois o foco passou para uma intensa preparação dos docentes, dos pontos de vista tecnológico e de metodologias de trabalho. Por último, o grupo concentrou-se nos estudantes, garantindo que ninguém ficasse excluído por falta de equipamentos ou acesso à internet. “Em duas semanas fomos capazes de colocar o IPS em modo online”, um esforço que, considera, revela sobretudo uma enorme “capacidade de mudança” da instituição e de

todos os seus intervenientes. Os grandes desafios prendem-se agora com a avaliação e com o ensino prático, com várias soluções a serem analisadas, mas também aqui, remata Rodrigo Lourenço, o “bom senso, a competência e a criatividade dos docentes vão ter de imperar mais do que nunca”.

Mariana Brigantin, finalista da licenciatura em Enfermagem na ESS/IPS, é bem o exemplo dessa veia criativa a funcionar. A pandemia não só lhe “roubou” a oportunidade de realizar o Estágio de Integração à Vida Profissional, o desfecho tão aguardado de quatro anos de curso, como deixa antever “um futuro muito incerto”. Na impossibilidade de recriar um serviço de pedopsiquiatria em casa, área de eleição que chegou ainda a vivenciar por duas semanas até à suspensão do ensino clínico, os docentes chegaram à solução mais pertinente. “Como aluna de quarto ano, não existe nenhuma matéria que possa ser ‘adiantada’. Portanto, os nossos professores fizeram quase o impossível, neste período tão *sui generis*. Adiantaram-nos o que estava ao seu alcance: formação e orientação, em tempo recorde, sobre o SARS-COV2, realidade com a qual, de certeza, iremos contactar num futuro breve”.

No caso de Carolina Rodrigues, vinda de Albufeira para estudar Bioinformática na ESTBarreiro/IPS,



houve desde logo o obstáculo da falta de equipamento informático adequado para acompanhar as aulas à distância. Inicialmente contou com os apontamentos dos colegas, até ao empréstimo de um computador no âmbito do programa de apoio lançado pelo IPS e pela sua Associação Académica (AAIPS). “Foi uma grande ajuda”, confessa. Como aspetos menos bons desta experiência, enumera a dificuldade em manter a concentração e as rotinas no conforto doméstico, e a “impessoalidade”, o facto de os professores “não conseguirem perceber tão bem o nosso ritmo de aprendizagem”. Por outro lado, realça, o tempo que antes perdia em transportes pode agora aproveitar “para estudar e praticar a matéria lecionada, sem deixar de ter momentos de lazer e de ‘convívio’ com os colegas, por videochamada ou jogos online”.

Docentes reinventam-se

Aprender a trabalhar com plataformas até então quase desconhecidas e produzir conteúdos adaptados ao novo modelo de ensino, acautelando em simultâneo os programas curriculares e as necessidades dos alunos, foram alguns desafios sentidos pelos docentes do IPS ao longo deste mês de EaD.

“Na forma de ensinar é notória a utilização de novas técnicas e o apelo a uma maior criatividade para nos reinventarmos enquanto docentes. Na forma de aprender, julgo que este novo modelo tem forçado a um trabalho mais intenso

por parte dos alunos, sobretudo a uma maior concentração nas sessões síncronas e mais empenho na preparação prévia das aulas”, resume Micaela Lopes, docente da ESCE/IPS, convicta, para já, da maior eficácia do EaD face ao modelo presencial. O que, defende, deveria suscitar uma “reflexão pública” sobre a necessidade de mudanças nos métodos de ensino e a verdadeira utilidade das aulas presenciais. Não tanto para expor conteúdos, a que os alunos podem aceder através de tutoriais, mas sobretudo para “realçar os aspetos mais importantes, incentivar os alunos, estimular o debate e esclarecer dúvidas”.

Paula Pereira, docente da ESTSetúbal/IPS, sublinha também como ponto positivo do EaD o reforço da disciplina e da autonomia dos estudantes, mas não deixa de apontar a ausência do contacto presencial como uma lacuna importante. “Sinto falta de estar em sala de aula com os alunos e tentar perceber pelas suas reações se estão a perceber o que estou a tentar transmitir”, confessa. A professora de Matemática sublinha também a “intensa interajuda e partilha de conhecimentos” entre colegas nesta fase de mudança, mas teme que o trabalho possa vir a tornar-se “muito solitário” à medida que a situação ganhe estabilidade. Por último, lamenta não lhe sobrar tempo para a investigação, já que “todo o foco está na produção de novos materiais e na tentativa de melhorar este novo método de ensino onde caí sem paraquedas”. ■



PRODUÇÃO DE ÁLCOOL GEL E VISEIRAS CHEGA A PERTO DE 300 ENTIDADES

Hospitais, IPSS, agentes de proteção civil e estabelecimentos prisionais

Ciente das principais carências sentidas pelos serviços de saúde e forças de segurança na resposta à pandemia de COVID- 19, o IPS pôs desde logo em marcha um conjunto de ações, por iniciativa voluntária de docentes e não docentes, no sentido de produzir equipamentos de proteção individual, colocando o seu saber científico e equipamentos ao serviço da comunidade.

Exemplo disso é o caso do gel desinfetante que está a ser produzido, desde o dia 23 de março, nos laboratórios da Escola Superior de Tecnologia do Barreiro (ESTBarreiro/IPS), em parceria com a Câmara Municipal do Barreiro, com o envolvimento de docentes e trabalhadores não docentes, e que, até ao momento, atingiu um volume de cerca de 1 000 litros. À iniciativa juntaram-se também vários professores voluntários de quatro agrupamentos de escolas do concelho do Barreiro.

Esta parceria rapidamente se estendeu a outras organizações e,

neste âmbito, arrancou a 7 de abril um projeto de produção conjunta com a Casa Ermelinda Freitas de 6 000 litros de álcool gel, para distribuição em hospitais e IPSS do distrito de Setúbal, agentes de proteção civil e estabelecimentos prisionais, num total de 122 entidades. A solução antisséptica, seguindo as diretrizes da Organização Mundial de Saúde (OMS), foi produzida, sob responsabilidade técnica de docentes do IPS, nas instalações da empresa vitivinícola, que contribuiu com 5 000 litros de álcool e os 600 garrafrões de 5 litros para o respetivo armazenamento. A iniciativa envol-

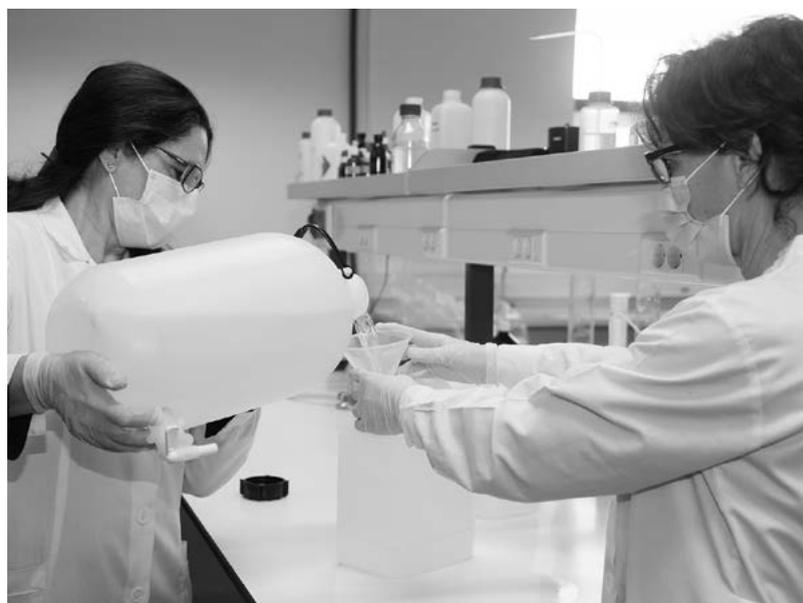
veu ainda outros parceiros, como a Vinisol, a Junta de Freguesia do Sado e a empresa de logística Integra2.

Ainda o fatídico mês de março não tinha chegado ao fim e também o laboratório Innovation Lab da Escola Superior de Tecnologia de Setúbal (ESTSetúbal) se lançava num projeto de produção de viseiras de proteção individual, graças a uma equipa de perto de 20 voluntários, entre docentes e funcionários. Às impressoras 3D veio juntar-se mais tarde uma fresadora CNC (Comando Numérico Computorizado), máquina que veio permitir um reforço considerável da capacidade de produção e atingir a meta das 5 000 unidades. Até ao final de abril, entre unidades de saúde, de socorro e IPSS, o IPS fez chegar estes equipamentos de proteção a um total de 157 entidades, na sua maioria do distrito de Setúbal.

Neste processo têm estado envolvidas quatro empresas da região, nomea-

damente a LAUAK Portuguesa, fabricante de componentes para a indústria aeronáutica, a Zircom Engenharia, a BEZE - Montras e Stands e a Cityprint. À iniciativa juntaram-se também, apoiando financeiramente, organizações como a Deloitte, Casa Ermelinda Freitas e Continental, além de várias retiros locais e da Integra2, que também neste caso garantiu o apoio logístico.

A capacidade de encontrar formas criativas e eficazes de contribuir para as necessidades sociais, colocando os recursos da instituição ao serviço da sociedade e da região, faz parte, desde sempre, do ADN do IPS. E só a estreita ligação com as empresas e organizações permite a concretização deste trabalho em rede, materializado em ambos os projetos, sendo que a segurança e o bem-estar daqueles que zelum e cuidam de nós são o melhor agradecimento que o IPS pode ter. ■





CAMPANHA “EMPRESTA AO TEU COLEGA”

A decorrer desde finais de março, a campanha “Empresta ao teu colega” já permitiu angariar 72 computadores e 18 pontos de acesso Wi-Fi (hotspots), representando um apoio fundamental para os estudantes que não possuem meios informáticos e/ou acesso à Internet em casa.

A campanha, que surge no âmbito de um conjunto de medidas de apoio ao Ensino a Distância (EaD) delineadas em parceria com a Associação Académica (AAIPS), dirige-se especialmente à comunidade estudantil, mas estende-se também a todos os trabalhadores docentes e não docentes que tenham consigo algum equipamento que não esteja a ser utilizado e que possa ser cedido a quem dele precise para prosseguir os seus estudos a partir de casa.

Entretanto, fazendo uso do seu parque informático de apoio aos estudantes, que neste período se encontra sem utilização, o IPS disponibilizou também para empréstimo cerca de uma centena de computadores. ■



PROGRAMA DE AUXÍLIO DE EMERGÊNCIA UNIDOS@IPS



O IPS e os seus Serviços de Ação Social (SAS-IPS) puseram em marcha, a 27 de abril, um programa de auxílio de emergência para os estudantes cujos rendimentos tenham sido fortemente impactados com as medidas de mitigação da pandemia. São beneficiários do novo programa todos os estudantes inscritos e matriculados em qualquer curso conferente de grau e de CTeSP ministrados no IPS, que comprovadamente se encontrem em situação de grave carência económica, provocada diretamente pela pandemia de COVID-19, designadamente desemprego, doença ou outras situações de vulnerabilidade social e económica com alterações significativas nos rendimentos disponíveis e dificuldades e limitações na sua capacidade para suportar os custos inerentes à frequência do respetivo curso.

As medidas abrangidas pelo Unidos@IPS vão desde a atribuição indireta de apoio para liquidação de prestações de propina e mensalidades de alojamento na Residência de Estudantes de Santiago e Moradias de Santa Bárbara, à atribuição de géneros ou bens.

O programa é suportado financeiramente pelos contributos de particulares e de empresas, abrangendo a comunidade académica (unidades orgânicas, Associação Académica, rede Alumni) e também a comunidade externa, entre entidades parceiras e cidadãos que, a título individual, entendam por bem aderir à iniciativa, devendo para o efeito contactar os SAS, através do email sas@sas.ips.pt. ■

PROGRAMA PRÁTICA_MENTE JUNTOS PROMOVE SAÚDE FÍSICA E MENTAL

Apoio à comunidade académica em tempos de confinamento



O IPS já tem no terreno um programa *online* de bem-estar físico e mental, a pensar na sua comunidade académica e nos desafios do teletrabalho e ensino a distância em tempos de necessário confinamento.

O programa Pratica_mente Juntos, tal como o próprio nome indica, pretende oferecer, num registo de proximidade apesar da distância, um apoio fundamental para que, mesmo estando em casa, trabalhadores e estudantes não percam, e reforcem até, hábitos de atividade física, aprendendo a gerir com alguma serenidade os efeitos secundários do isolamento.

O programa foi desenhado por uma equipa multidisciplinar e assenta em



tecnologias adequadas às atividades *online*, contemplando as componentes “Vida ativa e saudável” e “Gestão do stress”.

No que toca à saúde do corpo, além de criar uma linha *online*, gratuita, de consultas de nutrição, o IPS lançou também o canal “Desporto à Distância”, acessível na plataforma *Stream* e contemplando os vários perfis de praticantes, dos habituais, nomeadamente os que são já utentes

do Clube Desportivo do IPS, aos iniciantes e/ou com baixa condição física, passando também pelas sugestões de exercícios em casa para pais e filhos.

Apoio psicológico *online*, a título gratuito, bem como um espaço digital de partilha de sugestões de leitura e autores, o “IPS a Ler”, que pretende dar continuidade em ambiente caseiro à iniciativa Clube de Leitura do IPS, são algumas iniciativas contempladas na segunda componente do programa.

E porque a beleza e a arte são poderosas armas para elevar os ânimos em tempos de medo e incerteza, são igualmente disponibilizados vários recursos culturais, reunidos para consulta na página das Bibliotecas IPS, entre visitas virtuais a vários museus e galerias, nacionais e internacionais, e sugestões de espaços de autores e bibliotecas digitais.

O programa Pratica_mente Juntos resulta de um esforço conjunto entre as diferentes escolas do IPS, Serviços de Ação Social e diversos profissionais com competências técnicas especializadas na áreas da saúde e bem-estar.

O programa detalhado está disponível no portal da instituição, em www.ips.pt. ■